

CAMILLY LAISA LOURENÇO SOUZA¹

**O FEMINISMO 4B NA COREIA DO SUL: RAÍZES HISTÓRICAS E DESAFIOS À
ESTRUTURA PATRIARCAL**

Projeto de mestrado apresentado ao Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Orientadora: Profa. Dra. Débora Figueiredo M Prado

UBERLÂNDIA

2025

¹ Graduanda do curso de Relações Internacionais pela Universidade Federal de Uberlândia

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, sou eternamente grata a Deus, cuja presença e força me acompanharam em cada passo dessa jornada. Foi Ele quem me deu coragem nos momentos de dificuldade e me guiou até aqui. Agradeço por me conceder a força necessária para enfrentar os desafios e por me proporcionar o privilégio de chegar até este momento tão importante. Sem Ele, nada seria possível.

Aos meus pais, João e Luciene, e ao meu irmão, Otávio, palavras não são suficientes para expressar toda a gratidão que sinto por tudo o que fizeram por mim. Sair de casa e me mudar para outra cidade em busca desse sonho não foi fácil, mas a certeza do apoio de vocês tornou tudo possível. Cada conquista que alcanço aqui carrega o cuidado, os conselhos e a força que sempre recebi de vocês. Obrigada por sempre acreditarem em mim, por serem meu alicerce mesmo à distância, e por me ensinarem que coragem também é seguir em frente com o coração apertado. Esta vitória é, sem dúvida, nossa. Aos meus avós e tios, que, mesmo distantes fisicamente, estiveram sempre presentes com seu carinho e apoio. Agradeço de coração por cada gesto de amor que me impulsionou.

Aos meus amigos, que se tornaram minha segunda família ao longo dessa caminhada, meu agradecimento mais sincero. Maria Ester, minha amiga do EAD até o presencial, obrigada por ser minha companheira inseparável (somos Tico e Teco, não tem como negar), minha *rommie* por quatro anos. Enfrentamos todos os desafios dessa fase juntas e eu não poderia ter pedido uma pessoa melhor para dividir essa jornada. Bertolini, Nathália, Mariana, Maria Helena agradeço profundamente por todos os momentos compartilhados. Os almoços de domingo, que se tornaram quase uma tradição entre nós, foram um alívio e um refúgio em meio a tudo isso. A Cíntia, Livia V., Livia S., Luciana e Eduarda, que mesmo com a distância estiveram presentes, às vezes em pequenas interações, como responder um story, mas que significaram muito. Obrigada por permanecerem e desculpem pela minha ausência em tantos momentos.

Aos professores que fizeram parte da minha formação, minha imensa gratidão. Cada aula, cada orientação, cada palavra de incentivo contribuiu não só para minha formação acadêmica, mas também para o meu crescimento pessoal. Em especial, à minha orientadora, professora Débora: obrigada por sua paciência, apoio e confiança. Sua orientação foi essencial para que eu pudesse concluir esta etapa. Sou muito grata pela sua escuta atenta, pelos conselhos e por todo o cuidado que teve durante o processo.

A cada pessoa que esteve ao meu lado, seja de perto ou de longe, em cada sorriso, em cada palavra de incentivo, minha eterna gratidão. Este trabalho é reflexo de todos que, de alguma maneira, contribuíram para que eu estivesse hoje aqui, pronta para seguir em frente. E, por fim, agradeço a mim mesma, gradeço por não ter desistido, mesmo quando tudo ao redor parecia querer me fazer parar. Hoje, reconheço em mim a resiliência de quem sobreviveu a cada queda, e a bravura de quem escolheu seguir. Obrigada, Camilly, por não ter desistido de você.

Parafraseando o One Direction, as despedidas podem seragridoces, mas não significam o fim. Mesmo com a despedida, o que fica é eterno, e o futuro, cheio de possibilidades, está logo à frente, me aguardando. Finalizo esse ciclo com a fé no que virá e a alegria de poder olhar para trás. Afinal, como diria o BTS, *life goes on*.

RESUMO

Nos últimos anos, a ascensão do Feminismo 4B na Coreia do Sul atraiu atenção internacional, revelando uma mudança radical no movimento pelos direitos das mulheres coreanas e sua resistência contenciosa à estrutura patriarcal. O movimento, com sua posição provocadora, rejeitou relacionamentos heterossexuais, casamento e filhos, tornando-se emblemático de um descontentamento mais amplo entre as mulheres. Simultaneamente, para grande parte dos homens coreanos a discriminação de gênero não é mais um problema urgente. Essas duas posições polarizadoras chamam a atenção para a crescente divisão de gênero e para a crescente insatisfação entre os jovens coreanos com a igualdade de gênero. Por que as mulheres coreanas rejeitam restrições tradicionais como o casamento e a maternidade, enquanto os homens na faixa dos vinte anos permanecem insensíveis e alienados da violência de gênero? Este estudo procura responder a essas questões aprofundando-se nos aspectos históricos, sociais e raízes políticas da sociedade coreana, acompanhando o crescimento das condições das mulheres, bem como a defesa feminista desde o seu início até suas expressões radicais atuais. Este projeto se propõe a investigar as complexidades das experiências das mulheres através de uma revisão bibliográfica, análise documental e análise histórica. Por fim, utilizará o método comparativo das ideologias e estratégias do 4B, comparando-o com movimentos feministas radicais ocidentais, como o Women's Liberation Front (WOLF), nos Estados Unidos, e a Filia, no Reino Unido, a fim de analisar as semelhanças e diferenças em seus contextos socioculturais.

Palavras-chave: Movimento 4B, Feminismo Radical, Desigualdade de gênero, Coreia do Sul.

INTRODUÇÃO

O machismo na Coreia do Sul é uma realidade enraizada em tradições patriarcais que continuam a influenciar severamente a vida das mulheres coreanas, tanto em suas escolhas pessoais quanto em sua segurança cotidiana. Essa cultura patriarcal se expressa de diversas formas: desde padrões estéticos rígidos até a violência física, sexual e simbólica. Yun (2022) evidencia que, apesar dos avanços econômicos e tecnológicos do país, a sociedade sul-coreana ainda mantém padrões extremamente rígidos de gênero, nos quais a feminilidade é construída a partir de uma estética controlada, um “espartilho” simbólico que impõe expectativas normativas sobre como uma mulher deve se apresentar, agir e até mesmo sentir. Conforme a

autora discute, movimentos como o *Escape the Corset* surgem como reações potentes a essas estruturas opressivas, canalizando a raiva feminina como forma de resistência e criação, especialmente contra os padrões estéticos sufocantes impostos às mulheres (YUN, 2022).

Essa violência simbólica é acompanhada por agressões concretas, como evidenciado por Heo Min Sook (2024), que discute a violência no namoro como uma das expressões mais alarmantes do machismo estrutural. Ele afirma que a sociedade falha em estabelecer limites claros ao não demonstrar que agredir ou matar mulheres é algo imperdoável, o que evidencia uma tolerância cultural à violência de gênero, muitas vezes naturalizada e invisibilizada. Essa cultura de impunidade também se manifesta em crimes digitais, como a produção de pornografia com *deepfake*, que utiliza inteligência artificial para criar imagens falsas de mulheres em contextos sexuais (LEE, 2024). Um dos casos mais emblemáticos de crime sexual digital foi o “*Nth Room*”, no qual mulheres e meninas foram chantageadas e forçadas a produzir conteúdos explícitos que eram compartilhados online. Esses episódios geraram indignação pública e levaram muitas mulheres a buscar espaços seguros na internet para discutir essas violências (DE SOUZA, 2020). Segundo dados da *Korea Women’s Hot-Line*, apesar da ilegalidade dessas práticas, elas continuam ocorrendo com frequência, revelando não só a normalização da exploração sexual, mas também a lentidão da justiça em proteger as vítimas (KWHL, 2024).

Nesse contexto, surgiu o movimento feminista radical sul-coreano conhecido como 4B, que rejeita completamente o casamento, os relacionamentos heterossexuais, a maternidade e os padrões tradicionais de feminilidade. Segundo Lee e Jeong (2021), o 4B é caracterizado por uma abordagem radical e muitas vezes provocadora, buscando criar um espaço para mulheres que desejam rejeitar as expectativas patriarcais impostas pela sociedade. Esse movimento, que ganhou força nos últimos anos principalmente no âmbito online, pode ser compreendido à luz de dados estatísticos atuais que evidenciam a contínua marginalização das mulheres no país. Para as autoras, o 4B representa mais do que uma simples rejeição de práticas tradicionais: trata-se de uma resposta política e existencial a uma sociedade que falha sistematicamente em garantir dignidade, segurança e igualdade para as mulheres (LEE e JEONG, 2021).

Para a realização desta pesquisa, será utilizada uma revisão bibliográfica sistemática, com o objetivo de mapear e analisar criticamente a produção acadêmica e documental sobre o feminismo 4B na Coreia do Sul e movimentos feministas radicais ocidentais, como o Women’s Liberation Front (WOLF) e a Filia. Serão considerados artigos acadêmicos, relatórios institucionais, matérias jornalísticas e documentos oficiais dos próprios movimentos,

priorizando a atualidade, relevância teórica e diversidade de perspectivas. A revisão será acompanhada por uma análise de dados quantitativos e qualitativos, com base em informações produzidas por instituições como a *Korean Women's Hot Line* (KWHL) e o *Global Gender Gap Report*, com o intuito de contextualizar socialmente o surgimento e fortalecimento do movimento feminista radical na Coreia do Sul, além de estabelecer comparações com indicadores globais de desigualdade de gênero.

Além da revisão teórica e do uso de dados empíricos, a pesquisa adotará o método comparativo, visando identificar semelhanças e diferenças entre o feminismo 4B e os feminismos radicais ocidentais. Essa comparação permitirá compreender como diferentes contextos socioculturais influenciam as estratégias, discursos e pautas dos movimentos feministas. A investigação também incluirá um levantamento histórico e uma análise documental, abordando a trajetória do feminismo sul-coreano e suas transformações ao longo do tempo.

JUSTIFICATIVA

O Movimento 4B surgiu na Coreia do Sul em 2019, inicialmente no Twitter e posteriormente popularizado pelo TikTok. Representa uma das expressões mais contundentes do feminismo radical contemporâneo no país, refletindo a crescente insatisfação de mulheres frente a um sistema estruturalmente patriarcal. O movimento propõe uma rejeição consciente a quatro pilares normativos, os relacionamentos românticos, relações sexuais, casamento e maternidade, estabelecendo-se como uma resposta direta a um cenário social marcado por desigualdades de gênero enraizadas, misoginia institucionalizada e violência sistêmica contra as mulheres (LEE e JEONG, 2021).

Dados recentes evidenciam a gravidade dessas questões. Em relação à igualdade de participação e oportunidade econômica, segundo o *Global Gender Gap Report*, a Coreia do Sul ocupava o 112º lugar em junho de 2024. A diferença salarial era de 31,2%, o que significa que, para cada milhão de won ganhos pelos homens, as mulheres recebiam apenas 687.600 won. Estima-se que as mulheres atinjam seu “salário máximo” em torno de 2,5 milhões de won entre os 30 e 39 anos, enquanto os homens alcançam, em média, 2,59 milhões de won entre os 28 e 30 anos. Além disso, os rendimentos das mulheres caem para metade em comparação aos dos homens aos 50 anos, enquanto os salários masculinos continuam crescendo, atingindo uma média de 4,67 milhões de won no auge, durante os 40 anos (WORLD ECONOMIC FORUM,

2024; KYUNGHYANG, 2023). Por essa razão, a participação feminina no mercado de trabalho segue uma estrutura em forma de M: atinge seu pico no final dos 20 anos, cai significativamente na casa dos 30, quando muitas se afastam para cuidar dos filhos, e volta a subir aos 40 anos (DYNAN, KIRKEGAARD e STANSBURY, 2022).

Apesar da recusa das autoridades em fornecer dados detalhados sobre estatísticas de gênero, a *Korea Women's Hot Line* (KWHL) conduziu pesquisas independentes que revelaram números alarmantes: ao menos 1.379 mulheres foram assassinadas por parceiros masculinos em relacionamentos íntimos, além de 3.058 tentativas de homicídio e 3.773 vítimas testemunhas. Quanto à violência no namoro, os casos relatados aumentaram para 77.150 em 2023. A KWHL também informou que, nesse mesmo ano, houve 138 casos conhecidos de feminicídio e 311 tentativas de homicídio em relações íntimas, ou seja, uma mulher é morta ou quase morta a cada 19 horas. Além disso, as vítimas são frequentemente persuadidas a retirar as acusações, o que resulta na inércia das autoridades (KWHL, 2024).

De acordo com Heo Min Sook, pesquisador do Serviço de Pesquisa da Assembleia Nacional, a sociedade coreana não conseguiu demonstrar que é inaceitável agredir e matar mulheres. O vazio legal, a escassez de estatísticas e a ausência de definições abrangentes refletem, segundo ele, a atitude e percepção do Estado em relação à violência de gênero. O Estado hesita em criminalizar a violência contra as mulheres, negligenciando sua relação com a desigualdade estrutural de gênero, e tratando-a como um “problema individual infeliz”, o que perpetua um vazio legislativo persistente (LEE, 2024).

Com o avanço da internet e o crescente uso das redes sociais, os crimes cibernéticos também passaram a fazer parte da realidade das mulheres sul-coreanas. A disseminação de abusos e exploração sexual no ambiente digital tem imposto novos desafios às autoridades, muitas vezes despreparadas para lidar com a complexidade e escala desses crimes. Um dos casos mais chocantes foi o “*Nth Room*”, ocorrido no aplicativo de mensagens Telegram entre o segundo semestre de 2018 e março de 2020. O esquema envolveu quase uma centena de meninas em situações de exploração sexual e extorsão, atraídas por falsos anúncios de emprego, baseados em golpes de *phishing*. Os conteúdos mais gráficos chegaram a ser vendidos por até 1,5 milhão de won. Os líderes do esquema utilizaram uma “nova forma de escravidão moderna”, com exigências cruéis e sádicas para explorar a vulnerabilidade das meninas e maximizar os lucros, com uma estimativa de 260.000 usuários nos grupos de bate-papo (DE SOUZA, 2020).

Outro fenômeno alarmante é a crescente produção e comercialização de *deepfakes* sexuais, em que vídeos ou fotos são manipulados com inteligência artificial para simular cenas pornográficas com rostos de mulheres reais. Essa prática tem sido usada para degradar vítimas, muitas vezes conhecidas dos infratores. Em 2024, uma nova rede de exploração, semelhante à “*Nth Room*”, foi descoberta, com até 400.000 membros, incluindo adolescentes, universitários, professores e militares. As vítimas eram colegas, familiares ou conhecidas dos agressores (KWHL, 2024). Segundo dados da Agência Nacional de Polícia da Coreia, mais de 90% dos detidos por criar ou distribuir *deepfakes* são adolescentes ou jovens na faixa dos 20 anos (LEE, 2024). Em 2019, quase metade dos casos de crimes cibersexuais foi arquivada, e as condenações foram raras e brandas, o que evidencia a fragilidade do sistema judicial e a persistência de uma cultura que minimiza esse tipo de violência (BARR, 2021).

Diante desse contexto, o Movimento 4B emerge não apenas como forma de resistência simbólica, mas como uma tentativa concreta de subversão das normas sociais que sustentam a dominação masculina. Ao rejeitar os papéis tradicionais atribuídos às mulheres na estrutura familiar e reprodutiva, o movimento questiona o cerne das políticas públicas coreanas. Esta pesquisa se justifica, portanto, pela relevância de compreender o Movimento 4B como uma reação à violência sistêmica e às desigualdades estruturais vivenciadas pelas mulheres sul-coreanas.

OBJETIVOS, PROBLEMÁTICA E HIPÓTESE

Objetivo Geral

O objetivo geral da pesquisa é analisar o movimento 4B considerando suas origens, ideologias, estratégias de enfrentamento ao machismo estrutural e sua relação com o contexto histórico e atual do país, além de comparar suas abordagens com movimentos feministas radicais ocidentais.

Objetivos Específicos

1. Investigar as raízes históricas do machismo na Coreia do Sul e seus reflexos na sociedade contemporânea.

2. Levantar dados estatísticos recentes sobre crimes de gênero, violência sexual e machismo estrutural no país.
3. Identificar os principais pilares ideológicos, estratégias de atuação e objetivos do movimento 4B.
4. Comparar o movimento 4B com movimentos feministas radicais ocidentais, como o Women's Liberation Front (EUA) e o Filia (Reino Unido), identificando semelhanças e diferenças nas suas abordagens e contextos socioculturais.

Problemática

A problemática deste trabalho insere-se nas crescentes tensões entre as estruturas patriarcais consolidadas na sociedade sul-coreana e a emergência de novas formas de resistência feminista protagonizadas por mulheres jovens. O Movimento 4B, surgido entre 2019 e 2024, materializa uma ruptura radical com os pilares tradicionais da feminilidade, como o casamento, a maternidade, as relações sexuais e os vínculos heterossexuais, em um país marcado por profundas desigualdades de gênero. O estudo busca compreender como essa forma de resistência se articula social, histórica e culturalmente no contexto coreano, e em que medida representa uma continuidade, ruptura ou inovação em relação aos feminismos radicais ocidentais. A pesquisa propõe-se a responder: quais dinâmicas socioculturais explicam a adesão crescente ao Movimento 4B? Como suas práticas, discursos e estratégias se aproximam ou se distanciam de movimentos como o Women's Liberation Front (WOLF) e a Filia?

Hipótese

Parte-se da hipótese de que o Movimento 4B emerge como uma forma de resistência estrutural ao patriarcado sul-coreano, intensificada por uma juventude feminina que rejeita os papéis de gênero impostos e denuncia a violência simbólica e concreta vivenciada cotidianamente. Presume-se que, apesar de partilhar elementos centrais com o feminismo radical ocidental, como a recusa à normatividade heterossexual e à subordinação feminina, o 4B se diferencia por sua base empírica localizada, pela atuação prioritariamente digital e por uma retórica de desconexão afetiva como estratégia de sobrevivência política. Essas especificidades, enraizadas no contexto asiático contemporâneo, conferem ao 4B um caráter híbrido: simultaneamente globalizado e profundamente local.

FUNDAMENTAÇÃO BIBLIOGRÁFICA E TEÓRICA DO TEMA PROPOSTO

As teorias feministas nas Relações Internacionais (RI) emergem como uma crítica contundente às abordagens tradicionais do campo, questionando os pressupostos epistemológicos, ontológicos e metodológicos que historicamente marginalizaram as experiências e contribuições das mulheres no sistema internacional. Ainda que as RI tenham sido historicamente dominadas por correntes positivistas, notadamente realistas e liberais, a incorporação do pensamento feminista alterou substancialmente a maneira como questões como poder, segurança, conflito e soberania são concebidas (WEBER, 2021).

Segundo Cynthia Weber (2021), a crítica feminista vai além da mera inclusão de “mulheres” enquanto categoria analítica, ao desafiar os próprios alicerces do pensamento moderno ocidental que estruturam as Relações Internacionais. A autora argumenta que conceitos centrais como Estado, segurança, soberania e guerra são formulados com base em uma lógica que naturaliza a masculinidade como sinônimo de racionalidade, autonomia e poder. Por consequência, as relações internacionais reproduzem uma hierarquia de gênero que marginaliza o feminino e o associa à fragilidade, emocionalidade e domesticidade, características vistas como incompatíveis com a racionalidade da política internacional (WEBER, 2021). Essa crítica é aprofundada pelas diferentes vertentes do pensamento feminista nas RI. Conforme analisado no artigo de Monte (2013), as abordagens feministas se dividem em múltiplas correntes, as liberais, marxistas, pós-estruturalistas, construtivistas, pós-coloniais e radicais, que compartilham o objetivo comum de desconstruir as opressões de gênero, embora o façam a partir de epistemologias distintas. Dentre essas, o feminismo radical oferece uma das críticas mais contundentes ao sistema internacional, ao compreender o patriarcado não como uma variável incidental, mas como um princípio organizador da vida social e política em escala global (MONTE, 2013).

De acordo com Duriesmith e Meger (2020), o feminismo radical nas RI tem como fundamento a noção de que a dominação masculina sobre os corpos femininos constitui uma estrutura sistêmica e não episódica. Essa perspectiva permite compreender como a violência sexual em contextos de guerra, por exemplo, não é uma anomalia do sistema, mas uma expressão funcional do poder patriarcal que sustenta as lógicas militaristas, securitárias e expansionistas dos Estados (DURIESMITH E MEGER, 2020). O feminismo radical, portanto, denuncia a forma como a sexualidade e o controle reprodutivo são utilizados como ferramentas

de dominação geopolítica. Outro ponto fundamental dessa vertente teórica é a crítica à neutralidade do conhecimento. A epistemologia feminista radical afirma que todo conhecimento é situado, e que as teorias tradicionais das RI reproduzem as visões de mundo das elites masculinas ocidentais, mascaradas sob o véu da “objetividade” e “universalidade”. Nesse sentido, a própria ciência política internacional torna-se cúmplice das estruturas de dominação que afirma analisar (WEBER, 2021; GRANT, 2020).

No entanto, o feminismo radical também é tensionado por críticas importantes, especialmente no que diz respeito à sua capacidade de dialogar com realidades não ocidentais. Como argumentado no artigo “Perspectivas teóricas feministas em Relações Internacionais: tensionamentos entre norte e sul globais” (2024), a produção teórica feminista global tem sido marcada por uma hegemonia do Norte Global, que tende a universalizar as experiências das mulheres brancas, de classe média e seculares, desconsiderando as especificidades de gênero vividas por mulheres negras, indígenas, muçulmanas e periféricas. No contexto do feminismo radical, surge o Movimento 4B (4 “nãos”), em meados de 2019, na Coreia do Sul (SIMIONI; KYRILLOS; VIDAL, 2024).

Segundo Lee e Jeong (2021), o movimento 4B reúne feministas radicais que reivindicam o direito voluntário e a recusa subversiva de relacionamentos românticos, relações sexuais, casamento e parto. Seu objetivo é desconstruir o sistema patriarcal, rebelar-se contra a "economia fálica do desejo e do significado" e transformar a feminilidade normativa, perturbando o status quo. A resistência contenciosa do movimento visa dismantelar a estrutura patriarcal e denunciar a "violência masculina" por trás das representações idealizadas do sistema matrimonial, que naturalizam a submissão das mulheres aos homens, justificando a exploração do trabalho e a discriminação de gênero. As autoras destacam que o 4B não surge do nada, mas se articula a partir do acúmulo de violências e frustrações cotidianas enfrentadas pelas mulheres sul-coreanas, desde o sexismo no trabalho e o controle sobre os corpos até casos recorrentes de feminicídio, como o do Banheiro de Gangnam, de 2016, que se tornou um símbolo nacional da misoginia (LEE, JEONG, 2021).

Dentro desse contexto, o movimento 4B representa uma forma de “deserção” das normas sociais e institucionais que sustentam o patriarcado. Enfatizando que, ao contrário de ser um movimento misândrico, como muitas vezes é retratado pela mídia sul-coreana, o 4B é uma forma de sobrevivência e reconstrução. Ele oferece um modelo alternativo de existência, centrado na autonomia, no autocuidado e em redes de solidariedade entre mulheres. Além disso, o movimento desafia diretamente a lógica natalista e heteronormativa do Estado, que tenta

controlar a vida das mulheres em nome do interesse nacional, especialmente diante das taxas decrescentes de natalidade (LEE, JEONG, 2021). Conforme descreve Yun (2022), a raiva indignada das mulheres coreanas cria um corpo desobediente que desestabiliza tanto a si mesmo quanto a ordem da realidade, promovendo uma nova forma de conhecimento e valores. A indignação das feministas do 4B resulta da misoginia generalizada dos homens coreanos e de uma estrutura social que não conseguiu responder adequadamente, sendo que, tanto a sociedade quanto a administração, ainda não definiram soluções completas contra a violência de gênero (YUN, 2022).

Como dito, para as feministas radicais, a prática dos 4-nãos oferece uma alternativa: viver em comunidades "seguras" e fechadas com outras mulheres. É certo que essa exclusividade não representa todo o movimento pelos direitos das mulheres, pois diversas ativistas, acadêmicas feministas e organizações cívicas tradicionais manifestaram solidariedade a grupos minoritários, incluindo ativistas transgênero e homossexuais. Segundo Lee (2020), contrariamente à desinformação propagada por algumas feministas radicais sobre os privilégios dos transgêneros e, de forma geral, da comunidade queer, o debate sobre os direitos LGBTQIA+ oscila entre posições conservadoras e liberais. E embora o feminismo coreano tenha se centrado principalmente em mulheres cis, inicialmente as feministas não excluía homens biológicos, refugiados ou pessoas transgênero com base em suas características biológicas; essa prática surgiu com o início dos serviços de redes sociais e a perspectiva inovadora que enfatizava o "corpo feminino" em detrimento do sexo biológico, excluindo categorias que não se enquadrassem (LEE, 2020).

Lee (2020) complementa que, a hegemonia online do olhar masculino reafirmou a representação das mulheres como corpos primariamente sexuais por meio da dicotomia biológica, reduzindo-as a seus genitais e corpos. As reações das mulheres, contudo, não alteraram a estrutura do dualismo sexual, pois o movimento de libertação permanece enraizado na política de identidade. Em vez de confrontar a natureza performativa da masculinidade, as feministas radicais promovem a retórica misógina predominante, homogeneizando características femininas específicas. Para compreender melhor essa abordagem controversa, devemos considerar a competitividade estrutural que induz as mulheres a tratar o "Outro" como um competidor inferior e privilegiado dentro da "casta de gênero", eliminando qualquer possibilidade de solidariedade. De acordo com a autora, as feministas radicais construíram a identidade feminina em termos de vitimização, visualizando as lutas das mulheres como essenciais para sua sobrevivência e sucesso no sistema atual. Como resultado, o movimento

pelos direitos das mulheres foca unicamente em recuperar as "tortas femininas" roubadas pelos homens e buscar a auto-superação na sociedade neoliberal, mesmo que isso signifique recorrer a métodos cruéis, cínicos e violar o politicamente correto, tal como os próprios homens. Em outras palavras, as feministas radicais procuram afirmar sua subjetividade em vez de desconstruir a atual dicotomia (LEE, 2020).

No Ocidente, observamos movimentos como Filia e Wolf, que também representam expressões radicais do feminismo contemporâneo, embora com enfoques distintos. Ambos buscam a transformação estrutural da sociedade patriarcal, mas por caminhos diferentes. O Filia é radical ao resgatar uma perspectiva essencialista da mulher, centrada na experiência biológica do corpo feminino como menstruação, gestação e maternidade, onde são entendidas como elementos centrais da opressão de gênero e da resistência (FEDERICI, 2004; FILIA, 2025). Sua proposta de fortalecimento da sororidade e das redes de cuidado entre mulheres é interpretada como tentativa de ruptura com a lógica individualista e competitiva do capitalismo. No entanto, essa radicalidade também gera polêmicas, sobretudo por sua postura excludente em relação a mulheres trans, sendo acusado por setores transfeministas de promover uma visão biologizante da identidade feminina (BENTO, 2006). Já o movimento Wolf adota uma radicalidade de confronto direto, com práticas de insurgência política, crítica ao Estado, à moral tradicional e à heteronormatividade, amparado por teorias feministas radicais e anticapitalistas. Apesar disso, também enfrenta acusações de inflexibilidade ideológica e, em algumas vertentes, transfobia (WOMEN'S LIBERATION FRONT, 2025).

Koo (2019) explica, que embora o feminismo forneça ferramentas e uma linguagem para o empoderamento e a resposta à discriminação e violência, essa identificação estreita impede a consideração de uma estrutura mais complexa e a necessidade de solidariedade e resistência que vá além das "políticas de identidade essencializadas". Em essência, as feministas radicais usam o feminismo como arma "para ter sucesso, assim como os homens", focando apenas em "fêmeas" ou "mulheres", e falham em reconhecer que estão inseridas em relações de poder interseccionais, como o privilégio cisgênero e a heteronormatividade. Ao tratar as mulheres transgênero como uma ameaça à noção de "mulher de verdade", elas restringem e colocam em risco o empoderamento feminino. Por fim, a autora destaca como a militância feminista online representa um potencial político que se estende para além do ciberespaço, estimulando e popularizando o ativismo, erradicando normas tradicionais de gênero e sustentando conversas sobre a violência contra a mulher na internet. Porém, fica claro que o feminismo na mídia digital

precisa reconsiderar sua abordagem e abraçar a interseccionalidade para, de fato, desconstruir a estrutura patriarcal (KOO, 2019).

METODOLOGIA

Inicialmente, esta pesquisa será orientada por uma revisão bibliográfica sistemática, que visa mapear e analisar criticamente a produção acadêmica e documental existente sobre o Feminismo 4B na Coreia do Sul, bem como sobre movimentos feministas radicais ocidentais, como o Women's Liberation Front (WOLF) e a Filia. A revisão seguirá critérios de seleção e categorização de fontes que priorizem a atualidade, relevância teórica e diversidade de perspectivas, contemplando artigos acadêmicos, publicações feministas, relatórios institucionais, matérias jornalísticas e documentos oficiais dos próprios movimentos. Para isso, será consultada a produção de autores como Lee e Jeong (2021), que detalham o crescimento e as características do Feminismo 4B na Coreia do Sul em seu trabalho *The 4B Movement*. Também será considerado o trabalho de Lee (2020), *A critical study of identity politics based on the category "biological woman" in the digital era: how young Korean women became transgender exclusive radical feminists*, oferece uma análise crítica da política identitária baseada na categoria de "mulher biológica" na era digital, explicando como jovens sul-coreanas passaram a adotar posicionamentos feministas radicais e trans-excludentes, o que contribui para a compreensão das tensões internas ao movimento.

Além da revisão teórica, a pesquisa realizará uma análise de dados quantitativos e qualitativos, com base em relatórios nacionais e internacionais. Serão utilizados dados produzidos pela *Korean Women's Hot Line* (KWHL), uma organização feminista que coleta e divulga estatísticas sobre violência de gênero, desigualdade e direitos das mulheres na Coreia do Sul. Esses dados serão fundamentais para ilustrar o contexto social que contribui para a emergência de movimentos como o Feminismo 4B. Em complemento, serão analisados os dados do *Global Gender Gap Report 2024*, publicado pelo *World Economic Forum*, que avalia a desigualdade de gênero em nível global a partir de indicadores como participação econômica, educação, saúde e empoderamento político. A comparação entre os dados coreanos e os globais permitirá identificar os principais gargalos na equidade de gênero, contextualizando internacionalmente as demandas e estratégias do movimento sul-coreano.

Em seguida, este trabalho adota o método comparativo, conforme delineado por Giovanni Sartori (1994), que argumenta que a comparação entre diferentes realidades

sociopolíticas permite identificar padrões, distinções e variáveis explicativas em contextos distintos. A escolha desse método tem como objetivo analisar como o Feminismo 4B se configura dentro da sociedade sul-coreana e como se diferencia, ou se aproxima, de manifestações feministas radicais ocidentais. A comparação permitirá compreender de que forma os contextos socioculturais moldam os discursos, ações e pautas de cada movimento. Nesse sentido, também será útil recorrer às reflexões de Duriesmith e Meger (2020), que discutem o pensamento feminista radical e suas implicações nas relações internacionais, em *Returning to the Root: Radical Feminist Thought and Feminist Theories of International Relations*, e Choo (2020), que aborda a disseminação do feminismo em um contexto neoliberal e militarizado em *The Spread of Feminism and the Silence of Gendered Militarism in the Neoliberal Era*.

O trabalho também contará com a obra de Koo (2019), *South Korean cyberfeminism and trolling: the limitation of online feminist community Womad as counterpublic*, que examina criticamente o papel das comunidades feministas online, com foco especial na atuação do grupo Womad. A autora analisa como o Womad, embora inicialmente criado como um espaço de resistência às normas patriarcais, acabou reproduzindo práticas de exclusão e *trolling*. Essa abordagem será particularmente útil para compreender as dinâmicas de mobilização online entre mulheres jovens na Coreia do Sul e as tensões internas aos movimentos feministas radicais digitais, especialmente no que diz respeito à inclusão, discurso de ódio e identidade política.

A análise se desenvolverá por meio de análise documental e levantamento histórico, abordando o percurso do feminismo na Coreia do Sul, desde seus marcos iniciais até sua fase mais radical. Fontes históricas e de teor político, como a obra de Han (2004), *Women's Life during the Choson Dynasty*, será essencial para contextualizar as transformações na vida das mulheres coreanas ao longo do tempo. Será considerada a influência de fatores sociais, políticos e econômicos na construção da identidade e das demandas do Feminismo 4B, buscando explicar os motivos que levaram parte significativa das mulheres jovens a rejeitar estruturas tradicionais como casamento, maternidade e relações heterossexuais. Para isso, será importante analisar também os trabalhos de Yun (2022), que explora a raiva como força de resistência no contexto feminino coreano em *Escaping the Corset: Rage as a Force of Resistance*, e Uhn (1999), que examina a invenção da maternidade castiça na cultura coreana em *The Invention of Chaste Motherhood*.

Além disso, a análise considerará as implicações das diferentes teorias feministas nas relações internacionais. Aqui, serão valiosas as reflexões de Weber (2020), que oferece uma

perspectiva crítica sobre a teoria das relações internacionais em *International Relations Theory*, assim como os debates contemporâneos em torno das abordagens feministas nas relações internacionais, como o estudo de Izadora Monte (2013), “O Debate e os Debates: Abordagens Feministas para as Relações Internacionais, que debate as tensões entre o Norte e o Sul globais”.

No momento da comparação dos movimentos feministas, serão consultadas também fontes diretas dos movimentos feministas radicais ocidentais, como o Women’s Liberation Front (WOLF) e a Filia. Esses movimentos têm uma presença significativa online, e seus sites oficiais serão utilizados para coletar informações sobre suas ideologias, estratégias e declarações mais recentes. A análise dessas fontes permitirá entender como o Feminismo 4B na Coreia do Sul dialoga com ou se distancia das manifestações feministas ocidentais, ampliando a compreensão sobre as estratégias de resistência e os discursos feministas radicalizados em contextos diferentes. Os sites da WOLF e Filia servirão como fontes primárias para esse levantamento comparativo.

Com base nesse levantamento histórico e teórico, este trabalho buscará traçar um panorama das características centrais do Feminismo 4B, suas raízes socioculturais e suas proximidades e distâncias em relação ao feminismo radical ocidental. A comparação entre essas correntes permitirá uma análise crítica das estratégias e ideologias dos movimentos feministas no contexto sul-coreano e internacional.

CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

Atividades	1º Semestre	2º Semestre	3º Semestre	4º Semestre
Entrega do projeto	X			
Revisão Bibliográfica	X	X		
Levantamento de dados		X	X	
Redação do capítulo 1			X	
Redação do capítulo 2			X	X

Redação do capítulo 3				X
Conclusão e Referências				X
Revisão do Trabalho				X
Entrega Definitiva				X
Apresentação				X

REFERÊNCIAS

BARR, Heather. **“My life is not your porn”**. Human Rights Watch, 2021. Disponível em: <https://www.hrw.org/report/2021/06/16/my-life-not-your-porn/digital-sex-crimes-south-korea>. Acesso em: 28 fev. 2025.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. São Paulo: Garamond, 2006.

CHOO, Jihyun. **The spread of feminism and the silence of gendered militarism in the neoliberal era: controversy over military conscription among members of the young generation in South Korea**. Journal of Asian Sociology, v. 49, n. 4, 2020, p. 477–500.

DE SOUZA, Nicole. **The Nth Room Case and Modern Slavery in the Digital Space**. Lowy Institute, 2020. Disponível em: <https://www.lowyinstitute.org/the-interpreter/nth-room-case-modern-slavery-digital-space>. Acesso em: 21 fev. 2025.

DURIESMITH, D.; MEGER, S. **Returning to the root: radical feminist thought and feminist theories of International Relations**. Review of International Studies, v. 46, n. 3, 2020, p. 357–375. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0260210520000133>. Acesso em: 1 mar. 2025.

DYNAN, Karen E.; KIRKEGAARD, Jacob F.; STANSBURY, Anna. **Why gender disparities persist in South Korea’s labor market**. SSRN Electronic Journal, 2022. DOI: <https://doi.org/10.2139/ssrn.4175359>. Acesso em: 9 mar. 2025.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

FILIA. **Homepage**. Disponível em: <https://www.filia.org.uk/>. Acesso em: 20 fev. 2025.

GRANT, Judith. **Fundamental Feminism: Radical Feminist History for the Future**. 2. ed. New York: Routledge, 2020. eBook. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9781315660325>. Acesso em: 11 mar. 2025.

HAN, Hee-sook. **Women's life during the Chosŏn Dynasty**. International Journal of Korean History, v. 6, n. 1, 2004.

KIM, Doo-hun. **Historical review of Korean family life**. Korea Journal, v. 3, n. 10, 1963, p. 4-9.

KOO, JiHae. **South Korean cyberfeminism and trolling: the limitation of online feminist community Womad as counterpublic**. Feminist Media Studies, v. 20, n. 6, p. 831–846, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14680777.2019.1622585>. Acesso em: 12 abr. 2025.

KWHL. **2023 년 한국여성의전화 상담통계 분석 [Análise das Estatísticas de Aconselhamento da Linha Direta das Mulheres Coreanas de 2023]**. Korea Women's Hot-Line, 6 jun. 2024. Disponível em: <https://hotline.or.kr/archive/?idx=26140010&bmode=view>. Acesso em: 19 fev. 2025.

KWHL. **“딥페이크 성착취물”이 범죄인 줄 모르는 자 없다 [Ninguém Ignora que Exploração Sexual com Deepfake é Crime]**. Korea Women's Hot-Line, 28 ago. 2024. Disponível em: <https://hotline.or.kr/statement/?q=YToxOntzOjEyOiJrZXI3b3JkX3R5cGUiO3M6MzoiYWxsIjt9&bmode=view&idx=87086594&t=board>. Acesso em: 4 mar. 2025.

KWHL. **성별 구분 빠진 '친밀한 관계'에 의한 살해 통계? 제대로 된 공식 통계 발표하라! [Estatísticas de Assassinato em 'Relacionamentos Íntimos' Sem Identificação de Gênero? Divulguem Estatísticas Oficiais Corretas!]**. Korea Women's Hot-Line, 20 ago. 2024. Disponível em: <https://hotline.or.kr/statement/?q=YToxOntzOjEyOiJrZXI3b3JkX3R5cGUiO3M6MzoiYWxsIjt9&bmode=view&idx=76170320&t=board>. Acesso em: 8 mar. 2025.

KWHL. **통계 2023 년 분노의 게이지 : 언론 보도를 통해 본 친밀한 관계의 남성 파트너 및 일면식 없는 남성에 의한 여성살해 분석** [Indicador de Raiva 2023: Análise de Assassinatos de Mulheres por Parceiros Íntimos e Homens Desconhecidos, com Base em Relatos da Mídia]. Korea Women's Hot-Line, 6 jun. 2024. Disponível em: <https://hotline.or.kr/archive/?idx=26184041&bmode=view>. Acesso em: 26 fev. 2025.

LEE, Hyun-Jae. **A critical study of identity politics based on the category “biological woman” in the digital era: how young Korean women became transgender exclusive radical feminists**. Journal of Asian Sociology, v. 49, n. 4, p. 425–448, dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.21588/DNS.2020.49.4.003>. Acesso em: 6 mar. 2025

LEE, J.; JEONG, E. **The 4B Movement: envisioning a feminist future with/in a non-reproductive future in Korea**. Journal of Gender Studies, v. 30, n. 5, 2021, p. 633-644. DOI: <https://doi.org/10.1080/09589236.2021.1929097>. Acesso em: 10 mar. 2025.

LEE, Ji-hye. **93% of suspects in deepfake porn cases caught in July were in teens, 20s**. The Hankyoreh, 2024. Disponível em: https://english.hani.co.kr/arti/english_edition/e_national/1157001.html. Acesso em: 6 mar. 2025.

LEE, Myeong-hee. **교제폭력은 여성을 폭행·살해하면 ‘용서받을 수 없음’을 보여주지 못해 나타난 결과** [A violência no namoro é resultado da falha em mostrar que ‘agredir ou matar mulheres é imperdoável’]. Kyunghyang Shinmun, Seção Sociedade, 25 jul. 2024. Disponível em: <https://www.khan.co.kr/national/gender/article/202407251037001>. Acesso em: 13 abr. 2025.

MONTE, Izadora Xavier. **O debate e os debates: abordagens feministas para as relações internacionais**. Revista Estudos Feministas, v. 28, n. 2, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/r3pc8yVXBf6FqHPBBcH9Xxy/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 25 fev. 2025.

MOON, Seungsook. **Militarized Modernity and Gendered Citizenship in South Korea**. Durham: Duke University Press, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1215/9780822387312>. Acesso em: 12 mar. 2025.

O POVO. **Na Coreia do Sul, ciberespaço tóxico e violento leva vítimas ao suicídio.** *O Povo*, 2022. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/mundo/2022/02/18/na-coreia-do-sul-ciberespaco-toxico-e-violento-leva-vitimas-ao-suicidio.html>. Acesso em: 17 fev. 2025.

SARTORI, Giovanni. **Comparative method: Two decades of change.** In: DOGAN, Mattei; KAZANCIGIL, Ali (Org.). *Comparing Nations: Concepts, Strategies, Substance*. Oxford: Blackwell, 1994. p. 25–38.

SIMIONI, Fabiane; KYRILLOS, Gabriela M.; VIDAL, Camila Feix. **Perspectivas teóricas feministas em Relações Internacionais: tensionamentos entre norte e sul globais.** *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, v. 22, n. 3, 2024, p. e41846. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/civitas/a/hPzN65zQrNXj5HLt3pf8z8v/>. Acesso em: 5 mar. 2025.

UHN, Cho. **The invention of chaste motherhood: a feminist reading of the remarriage ban in the Chosun era.** *Asian Journal of Women's Studies*, v. 5, n. 3, jan. 1999, p. 45–63. DOI: <https://doi.org/10.1080/12259276.1999.11665854>. Acesso em: 12 mar. 2025.

WEBER, Cynthia. **International Relations Theory.** 9. ed. Londres: Routledge, 2020.

WOMEN'S LIBERATION FRONT. **Homepage.** Disponível em: <https://www.womensliberationfront.org/>. Acesso em: 20 fev. 2025.

WORLD ECONOMIC FORUM. **Global Gender Gap Report 2024.** Genebra: World Economic Forum, 2024. Disponível em: <https://www.weforum.org/publications/global-gender-gap-report-2024/>. Acesso em: 2 mar. 2025.

YIM, Hyunsu. **Em meio à propagação de “deepfakes”, Coreia do Sul pedirá ao Telegram bloqueio de conteúdos de crimes sexuais.** *CNN Brasil*, 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/em-meio-a-propagacao-de-deepfakes-coreia-do-sul-pedira-ao-telegram-bloqueio-de-conteudos-de-crimes-sexuais/>. Acesso em: 2 mar. 2025.

YUN, Ji-Yeong. **Escaping the Corset: Rage as a Force of Resistance and Creation in the Korean Feminist Movement.** *Hypatia*, v. 37, n. 2, p. 257–275, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/hyp.2022.15>. Acesso em: 5 mar. 2025.